

Lobo da Vila

Vantuyf Barbosa Neto
Alan Rodrigo de Pádua

Lobo da Vila

Dedicatória

Dedico este livro primeiro para uma pessoa: minha mãe, que sozinha educou três filhos, sempre mãe e pai ao mesmo tempo, batalhou para fazer de cada um de nós um bom cidadão e, acredito eu, conseguiu. Mãe, esse livro também é seu. Eu te admiro muito e espero sempre te orgulhar. Dedicando a ela, penso dedicar a todos os familiares.

Passo então aos amigos, fonte de alegrias e troca de experiências. Para simbolizá-los, falo da Nathaly, minha namorada, mas antes de tudo amiga. Sei que posso contar com ela sempre que precisar, e eu preciso, assim como a todos os meus amigos. Natha, você me faz sonhar e batalhar por um futuro bom, obrigado por tudo.

Não poderia esquecer dos professores e colegas de classe. Foram quatro anos muito bons. Reclamamos muitas vezes, estivemos cansados por outras, mas fomos felizes na maioria do tempo. A vocês todos que me ensinaram muito, a minha gratidão.

A todos os que colaboraram para que este livro fosse possível, pois, sem a ajuda de vocês, não conseguiríamos termina-lo.

Por fim, gostaria de dedicar este livro aos órfãos do Palmeiras Futebol Clube, assunto do livro. Eu, infelizmente, não acompanhei a fase boa do time, mas assim como vocês sonho por dias melhores, por lotar a Vila e cantar o amor pelo maior clube de São João da Boa Vista.

Sinceramente,

Vantuyl Barbosa Neto

Dedicatória

À minha família, especialmente a minha mãe, pelo apoio integral em todos os momentos de minha vida.

À minha namorada, que soube tão bem compreender os meus momentos de ausência em função deste trabalho, e a todas as pessoas que contribuíram para a conclusão deste livro.

Alan Rodrigo de Pádua

Sumário

Prefácio	13
1 O Grande Triunfo	17
2 O Futebol em São João	33
3 O Maior Rival	59
4 O Parto do Lobo	67
5 Os Últimos Passos	75
Glossário	87

Prefácio

O Time do Coração!!!

Tarde de domingo dos anos 70. Era uma programa e tanto dar risadas com as histórias do seu Pascoal. Se divertir com o nervosismo dele durante os jogos do “Palmeirinha”

Ele se sentava sempre no mesmo lugar, na arquibancada coberta ao lado da segunda pilastra da esquerda pra direita. Chegava cedo, abria o lenço de linho, colocava no cimento geladinho da arquibancada do “Getúlio Vargas Filho”. O chapéu ficava na cabeça, mesmo no coberto. E dali não saía pra nada, até o jogo terminar.

Seu Pascoal, como tantos outros, nos ensinava o que era a paixão pelo Palmeiras, pelo futebol, pelo esporte, a paixão por São João da Boa Vista. Muitos daqueles senhores eram italianos que adotaram nossa cidade e o Brasil, como se fosse a Itália querida, abandonada por causa da guerra. Eles trouxeram essa paixão inexplicável pelo “Cálcio” A influência fica clara no nome do time. “Palmeirinha” sem o “s” é um italianismo que os povos do sul do Brasil utilizam ainda hoje. Na Itália não se usa “s” no plural.

Aos poucos os anos foram passando. Com a ajuda de minha mãe fiz uma bandeira, ia torcer atrás do gol de mãos dadas com o meu pai, orgulhoso de mostrar minha paixão. Depois adotei o radinho de pilha pra acompanhar as transmissões da Rádio Piratininga.

Naquele tempo a arquibancada do lado da rua

Prefácio

Capitão José Alexandre era pequena, uns cinco, seis degraus. Havia um elevador com uma escada que era o local das rádios.

Do lado direito tinha a casa do Seu Zé, que durante anos foi o zelador do estádio e do time. Toda segunda-feira era comum as camisas dos jogadores estarem no varal da casa do seu Zé. A mulher dele cuidava do símbolo da nossa paixão, com um carinho tocante. Durante os jogos, a imagem das camisas secando, vinha sempre a minha mente. É preciso ter amor a camisa que se veste.

Algum tempo depois, lá estava eu, na cabine, com o microfone em punho. Era a descoberta da narração, do jornalismo. Bons tempos aqueles!!!

Os anos se passaram, a arquibancada cresceu, a casa do seu Zé foi abaixo, o Palmeiras continuou sua história. Ganhou dois títulos: da segundona e do troféu Jerônimo Bastos. Encerrou suas atividades. As tardes de domingo não são mais as mesmas.

Segui minha vida profissional. Rádio Cultura de Santos, Rádio e TV Gazeta, Rádio Globo, e há 10 anos estou na TV Globo.

Ainda hoje, quando entro no Maracanã, no Morumbi, numa tarde de domingo, o que me vem a mente é a paixão do seu Pascoal, as camisas lavadas, as boas risadas, os amigos e um sentimento incrível de gratidão. O “Palmeirinha” me ensinou o amor pelo esporte, pelo rádio, pelo jornalismo.

Escrever sobre o Palmeiras é contar um pouco da história da nossa cidade. Que se mistura com as

Lobo da Vila

nossas próprias vidas.

Nas próximas páginas vamos embarcar numa viagem de pura emoção. Emoção que faz a vida valer a pena.

Luis Roberto de Mucio

Jornalista da TV Globo



O Grande Triunfo

Fogos de artifício riscam os céus de São João da Boa Vista, buzinas soam sem parar. O barulho é ensurdecedor, mas, tirando algumas crianças que choram e cachorros que fogem com o rabo entre as pernas, todo mundo vibra. Os carros vão devagar e ninguém se importa se o trânsito está quase parado, afinal é dia de comemorar. Já é dezembro, mas não Natal, mesmo porque nem nesta data São João fica desse jeito. Mas então, o que os sanjoanenses comemoram tanto?

O ano é 1979 e o Palmeiras Futebol Clube acaba de se sagrar campeão da Primeira Divisão do Campeonato Paulista. Por isso a festa, o reconhecimento da torcida e o tratamento de heróis que recebem os jogadores palmeirinos.

E a carreata desperta a cidade. Da saída no Estádio Getúlio Vargas Filho até a Praça Coronel Joaquim José, esbanja alegria e arrebanha novos torcedores no caminho. Os jogadores suados e já sem o uniforme são só sorrisos e, eufóricos, acenam para os milhares de curiosos que se amontoam nas calçadas.

Mas, apesar do título, o troféu ainda não veio. Falta uma partida para cumprir tabela. Portanto, os sanjoanenses terão que esperar um pouco mais para ver o símbolo daquela conquista, o objeto que confirma que aquilo não era um sonho.

Mais um dia de festa. Tarde de domingo, sol a pino e o Estádio da Vila lotado. Todos atentos para ver

O Grande Triunfo

os craques do Palmeiras. E eles, um a um, lado a lado, recebem as faixas de campeão das mãos dos dirigentes da Federação Paulista de Futebol, além dos aplausos dos torcedores sanjoanenses. Norinha, Írzio, Gaúcho Lima, Carlinhos, Hamilton, Nonato, Helvécio, Charuto, Marcelo, Roberto Bem, Guará, Carioca, Ari, Titica, Mirandinha, Natal e Piau. Mirandinha, o artilheiro do campeonato, é o mais ovacionado. Sorriso largo, ele recebe a faixa e acena para a torcida.

Para a entrega das faixas, o adversário foi o poderoso Internacional de Limeira, que acabara de subir para a Especial, a Primeira Divisão da época. O Palmeiras acabou perdendo o amistoso, que ocorreu no dia 16 de dezembro. O placar? Ninguém se lembra. Talvez um a zero ou dois a um. Mas isso é o que menos importava. Afinal, o povo queria ver o troféu.

E ele finalmente foi entregue, após as faixas. O zagueiro Gaúcho Lima, o capitão do time, recebe-o de um membro da Federação. Primeiro um olhar, depois um beijo e então Gaúcho Lima ergue o troféu, exibindo-o para a torcida, que vai ao delírio.

Quem vê apenas essas cenas imagina que aquele fora um ano fácil; pelo contrário, no início nada dava certo para o Palmeiras e ficava a sensação de que de novo o “Lobo da Vila” iria apenas participar do campeonato. Aquelas previsões, no entanto, foram erradas e os jogadores do Palmeiras foram se encaixando, entrosando e as vitórias apareceram. Os atletas subiram de produção, enfim, todos fizeram um bom campeonato e, talvez, esse tenha sido o melhor

Palmeiras de todos os tempos.

O jornalista Aílton Fonseca, na época repórter de campo da Rádio Piratininga, lembra com saudosismo daquele plantel. “Aquele Palmeiras era um time sensacional. Apesar de ter um elenco reduzido, o time se encaixou e jogava muito bem. A defesa não era muito boa, mas em compensação o ataque...”.

E foi mesmo o ataque o diferencial do Palmeiras na competição. O time teve o artilheiro do campeonato, Mirandinha, com vinte e um gols, que fez quase a metade dos gols sanjoanenses. No total foram quarenta e seis gols em trinta jogos.

Mirandinha chegou ao Palmeiras emprestado pela Ponte Preta. Ele integrava o plantel de júniores no time campineiro, mas já entrava em alguns jogos e vinha atuando bem. O atacante não queria mais ser reserva e aceitou se mudar para São João da Boa Vista. Logo nos primeiros treinos ele mostrou que era o centro-avante que o Palmeiras precisava, mas não podia estreiar.

Acontece que Mirandinha tinha adulterado a idade para jogar pelo Ferroviário do Ceará, clube onde começou sua carreira. O gato, como é conhecida essa adulteração, praticado foi ao contrário, pois ao invés de diminuir a idade, ele aumentou, para poder jogar como profissional.

Então, com esse problema descoberto, o Palmeiras não podia colocá-lo para jogar. Mirandinha jogava os amistosos, fazia gols, mas não era relacionado para as partidas do campeonato. Só após umas quatro rodadas é que o Palmeiras

O Grande Triunfo

conseguiu sua liberação e Mirandinha estreou oficialmente e começou a marcar gols que fizeram dele o grande ídolo daquele time.

A campanha

Mas antes da estréia de Mirandinha e do próprio Palmeiras no Campeonato Paulista, o time sanjoanense se preparou para não fazer feio na competição. No início do ano, disputou o Torneio Mauro Ramos de Oliveira, entre fevereiro e março. Esse campeonato só serviu para deixar a torcida resabiada, com medo do que o time poderia mostrar no Paulista, pois o Palmeiras ficou na quarta colocação, dentre quatro disputantes. Sem ganhar nenhum jogo, em sete partidas, o time sanjoanense saiu da competição dando sinais de que não iria fazer um bom campeonato estadual. Participaram da competição, além do Palmeiras, a Caldense de Poços de Caldas, o Ginásio Pinhalense de Espírito Santo do Pinhal e o Radium de Mococa.

Os amistosos depois do torneio deixaram a torcida com mais dúvidas, pois os resultados foram oscilantes. Foram três vitórias, quatro empates e três derrotas, sendo que o “Lobo da Vila” marcou 17 gols e sofreu os mesmos 17 gols. O time se mostrava frágil na defesa, mas em compensação o ataque funcionava.

E foi nesse clima de incertezas e de preocupação da torcida que o Palmeiras iniciou a disputa da Primeira Divisão do Campeonato Paulista,

Lobo da Vila

que correspondia à terceira divisão. Na estréia, uma vitória magra por um a zero contra o Batatais em casa.

Depois foram seis jogos sem vencer, com três derrotas e três empates. O time não engrenava, os jogadores não rendiam o esperado e a torcida, por sua vez, comparecia cada vez menos à Vila. Por isso, a diretoria do clube dispensou o técnico Hélio de Almeida e contratou Paulo Leão para substituí-lo. O jornalista Aílton Fonseca lembra do começo difícil. “O Palmeiras, no começo, não estava ganhando. Depois empatou fora de casa com o Batatais em zero a zero, na abertura do segundo turno da fase preliminar, e, então, o time começou a ganhar”.

Após o empate citado, o Palmeiras só perdeu mais uma partida e deslanchou rumo à conquista inédita. Paulo Leão, depois de reformular o time e recolocá-lo no caminho das vitórias, foi contratado por outro clube e deixou o Palmeiras. Para o seu lugar veio Acosta, que ficou até o fim do campeonato. O torcedor voltou a confiar no time e o Getúlio Vargas passou a encher cada vez mais. São João respirava futebol e o Palmeiras era o ar que chegava aos pulmões sanjoanenses.

Nesta campanha, alguns jogos ficaram guardados para sempre na memória dos torcedores sanjoanenses e foram fundamentais para o título e para elevar a moral do grupo. No dia 12 de setembro, o Palmeiras recebeu o Lemense na Vila. Apesar de ser quarta-feira, à tarde, o público compareceu em massa e o estádio estava praticamente lotado. Acabou o primeiro tempo e o placar não saiu do zero.

O Grande Triunfo

No intervalo, o técnico Acosta reclamou com o artilheiro Mirandinha que ele estava chegando na linha de fundo e tentando fazer o gol ao invés de cruzar. Acosta ainda ameaçou o craque sanjoanense. “Se você fizer isso de novo eu te tiro do jogo”. Eis que começa o segundo tempo e aos seis minutos Mirandinha recebe uma bola pela esquerda, tira do zagueiro e, já na linha de fundo, bate de três dedos. A bola viaja em curva, bate na trave oposta e morre no fundo do gol. Um a zero Palmeiras. Dois minutos mais tarde, Mirandinha recebe outra bola, desta vez na direita. A jogada se repete, só que do outro lado, e o saldo é dois a zero Palmeiras. O jogo termina assim. No treino do dia seguinte, o técnico Acosta se aproximou do artilheiro e disse. “Mirandinha eu não vou falar mais nada. Você faz o que você quiser”.

No domingo seguinte outro jogo memorável. Palmeiras e Monte Negro na casa do adversário, em Osasco. O time sanjoanense goleou os donos da casa por seis a zero. Mirandinha marcou três vezes, Piau duas e Ari uma. Essa foi a maior goleada do Palmeiras na competição.

Uma rodada mais tarde, já dia 23 de setembro. O Palmeiras joga contra o Sertãozinho. Aos trinta e quatro minutos do primeiro tempo Ari abre o placar com um lindo gol olímpico, mas no início do segundo tempo o Sertãozinho empata com Vanderlei. Aos quinze minutos Mirandinha trata de por os sanjoanenses, de novo, na frente. Dois a um. E então, o lance genial. Aos dezoito minutos Piau recebe de Carioca e, percebendo o goleiro adiantado, bate de trás do meio-campo. O resultado é o gol que Pelé não fez e três a um para o “Palmeirinha”, que se classifica

para a segunda fase da competição.

Esses três jogos são uma mostra do que o Palmeiras fez na competição, mas o jogo mais importante, sem dúvida, foi o do título, que veio com duas rodadas de antecipação. O jornal Opção, em edição especial comemorativa ao título, relatou assim o jogo mais importante da história do Palmeiras.

“Quinta-feira. Dia da República. Feriado nacional. O Palmeiras iria receber a visita da AA. Guairense, se vencesse, seria o campeão. O dia amanheceu com um aspecto diferente, bandeiras preta e branca por todo lado. Um ambiente tenso, mas confiante. Toda uma coletividade com a atenção voltada para o futebol. Era um dia que por longos anos não passava apenas de um simples sonho. As 12:00 horas os portões do Estádio Dr. Getúlio Vargas Filho, a velha casa, foram abertos. O público começava a chegar. Por volta das 14:30 horas, a Vila Manoel Cecílio estava totalmente lotada, e os torcedores se uniam num só pensamento: Sair dali campeões. Às 15:00 horas, as escalações oficiais foram fixadas nas portas dos vestiários. O Palmeiras – Norinha, Charuto, Carlinhos, Gaúcho e Hamilton; Roberto e Carioca; Ari, Titica, Mirandinha e Piau. AA. Guairense – Silva, Clóvis, Hamilton, Maurício e Joãozinho; Lazineiro e Donizete; Soares, Juarez, Peri e Canhoto. As 15:30 horas, João Antônio Mandrá, autorizou o início do jogo. O Palmeiras jogava o título da primeira divisão. No início foi um jogo de estudos, mas as grandes oportunidades começaram a aparecer para o Palmeiras. O título começava a ser desenhado. Aos 38 minutos do primeiro tempo a primeira grande festa.

O Grande Triunfo

Ari desceu pela ponta direita, foi à linha de fundo, cruzou, Titica abriu as pernas, um lance de rara inteligência, e a bola sobrou para Mirandinha que na boca do gol só teve o trabalho de ajeitar e desferir um tiro forte, a bola ainda tocou na mão direita de Silva, goleiro da Guairense, mesmo assim foi morrer de mansinho no fundo da rede. Foi uma explosão. Só se via braços erguidos, e o grito de gol se misturava com o de campeão. Primeiro tempo um a zero. Na segunda etapa logo aos 5 min. saiu um escanteio pela ponta esquerda. Piau cobrou, Mirandinha subiu mais que todos e num cabeceio sensacional, tocou a bola, depois de tocar na trave direita foi morrer pela segunda vez no fundo da rede. Aí começou a festa. Estava liquidado o jogo, o tempo foi passando e todos, pobres e ricos esqueceram posição social. Deixaram tudo de lado, e quando João Antônio Mandrá trilou o apito dando por encerrado o jogo, foi um só grito, bem forte e bem alto, tanto dos lábios como do fundo do coração de cada sanjoanense: “PALMEIRAS, CAMPEÃO PAULISTA DA PRIMEIRA DIVISÃO DE PROFISSIONAIS”.

Depois deste jogo, o Palmeiras ainda cumpriu tabela em mais duas partidas, vencendo uma e perdendo outra. Ao final do campeonato o Palmeiras somou 30 jogos, sendo 19 vitórias, 5 empates e 6 derrotas. O time sanjoanense marcou 46 gols e sofreu 17, terminando com saldo positivo de 29 gols.

Lobo da Vila

Os heróis do título

Um dos responsáveis por trazer o título para São João da Boa Vista foi Titica, o maestro da equipe. Nascido Ademir Moraes em Sorocaba, interior de São Paulo, no dia 23 de março de 1955, Titica ficou marcado como um grande jogador, mas que teve a carreira prejudicada pelo alcoolismo.

O meio-campista chegou ao Palmeiras depois de passagens por Náutico e Flamengo. Apesar da pouca idade, chegou a São João com vinte e quatro anos, Titica já era um jogador desgastado pelo comportamento extra-campo, como a bebedeira. “O Titica era o craque do time, mas ele não cuidava de si. Tinha dente estragado na boca, o que prejudicava a vida atlética dele. Além disso, ele não tinha responsabilidade, fugia de concentração”, lembra o jornalista Aílton Fonseca.

Se em campo ele correspondia e organizava o grande time palmeirino, fora das quatro linhas ele chamava a atenção por outros motivos. “O Titica era um jogador, que para jogar, precisava beber e todo mundo sabia disso. Ele também não gostava de tomar banho e certa vez começou a ir ao banheiro todo dia. Tinha alguma coisa errada e nós fomos sondar. Chegamos lá e ele estava puxando uma garrafinha com pinga, escondida no ralo, pelo barbante”, lembra Guará, meio-campista daquele time.

O jornalista Aílton Fonseca também relembra histórias do Titica. “A gente ia transmitir o futebol e viajava junto com o Palmeiras. Eu cansei de ver o

O Grande Triunfo

treinador Acosta chamar o Titica, lá pelas onze e meia, no dia do jogo, para dar uma volta. A gente ia escondido para ver. Ele chegava num boteco e mandava servir uma dose de pinga para o Titica. Depois disso o Acosta falava: agora vamos almoçar. Aquele era o presentinho da criança que ele era”.

Apesar de beber antes dos jogos, Titica jogava acima da média. O meio de campo do Palmeiras era comandado por ele e era Titica quem ditava o ritmo do time. Além disso, ele fez cinco gols ao longo do campeonato de 79. O meia permaneceu no clube até 1982, ano em que encerrou prematuramente a carreira, com 27 anos. Ele ainda jogou campeonatos amadores em São João pelo Pratinha Futebol Clube. Titica está internado no Hospital Psiquiátrico Jardim das Acácias em Sorocaba desde 2001.

Titica era muito querido não só pelos torcedores, mas também pelos jogadores. Alvo constante de brincadeiras, ele não gostava de tomar banho. “Os jogadores pegavam de vez em quando o Titica, jogavam no chão e com uma mangueira jogavam água e sabão. Ele brincava que não tomava banho, pois tirava o calor do corpo, ficava doente”, relembra Aílton.

Além de Titica, o Palmeiras era feito de outros jogadores. São eles:

Norinha – Antônio Nora Filho era o único sanjoanense titular do Palmeiras em 1979, tendo nascido no dia 25 de setembro de 1959. Norinha foi o goleiro menos vazado do campeonato, tomou 15 gols em 29 jogos, e ainda bateu um recorde: ficou 626 minutos sem sofrer gols, ou seja, ficou quase sete

jogos seguidos invicto.

Írzio – o goleiro Írzio Campioto nasceu em Mococa no dia 25 de junho de 1948. O curioso é que ele já chegou ao Palmeiras veterano, veio do Radium de Mococa com 31 anos, mas com apenas dois anos de profissional. Apesar de reserva, Írzio foi fundamental para a campanha, pois, como era formado em educação física, ajudou no preparo físico dos atletas sanjoanenses.

Marcelo – o terceiro goleiro Marcelo Luiz Hentz era o outro sanjoanense da equipe. Ele, que nasceu no dia 27 de agosto de 1959, nem chegou a jogar no campeonato.

Gaúcho Lima – apesar do apelido, Nilton Cardoso de Lima é acreano de Rio Branco, onde nasceu no dia 1º de agosto de 1957. O zagueiro e capitão do time, que chegou do São Bento de Sorocaba, foi considerado o melhor da posição na campanha de 79. Logo depois ele se transferiu para o Botafogo do Rio de Janeiro.

Carlinhos – Antônio Carlos de Oliveira, mineiro de Curvelo, nasceu no dia 25 de setembro de 1953. Ele veio por empréstimo do Goytacaz de Campos, Rio de Janeiro, para jogar como volante, mas acabou jogando melhor como zagueiro, posição em que atuou na maior parte do campeonato.

Hamilton – o lateral-esquerdo Hamilton Paiva nasceu em Poço Fundo, interior de Minas Gerais, no dia 16 de setembro de 1955. Ele, que veio do Ginásio Pinhalense, foi reserva durante grande parte do campeonato, mas conquistou a posição de titular quando o Nonato machucou.

O Grande Triunfo

Nonato – Raimundo Nonato, mineiro de Belo Horizonte, nasceu em 2 de janeiro de 1958. O lateral-esquerdo chegou do ESAB de Minas Gerais, mas se profissionalizou em São João da Boa Vista. Ele iniciou a campanha como titular, mas acabou perdendo a posição depois de uma contusão no ombro.

Helvécio – Helvécio Azevedo nasceu em Formiga, interior de Minas Gerais, no dia 1º de novembro de 1952. O lateral-direito, que também jogava nas outras posições da defesa, chegou ao Palmeiras vindo do Juventus de Elói Mendes. Helvécio passou quase todo o campeonato na reserva.

Charuto – o carioca Valdemir Oliveira dos Santos, nascido em 25 de dezembro de 1953 em Campos, veio para o Palmeiras do São José. Charuto jogava nas duas laterais, mas se firmou na direita. Ele marcou um gol ao longo do campeonato.

Roberto Bem – Sebastião Roberto Caetano, nasceu em Piracicaba no dia 20 de janeiro de 1953. Volante, zagueiro e até meia, Roberto Bem fez o primeiro gol do Palmeiras no campeonato. Antes, ele já havia jogado no clube em 1976, ano da conquista do troféu Jerônimo Bastos.

Guará – o mineiro de Guaraciaba, daí seu apelido, Luiz Carlos Lanna Nascimento nasceu no dia 12 de maio de 1957. Guará era, junto com o goleiro Norinha, um dos xodós dos torcedores. Ele atuava em quase todas as posições do campo, sendo um coringa da equipe. Guará começou a carreira nos juvenis do Flamengo, tendo jogado junto com Zico.

Lobo da Vila

Ele marcou dois gols na campanha de 79 e ficou no Palmeiras por muito tempo, até 93, ano em que encerrou a carreira. Hoje ele ainda mora em São João da Boa Vista.

Carioca - como o próprio apelido diz, Carioca nasceu no Rio de Janeiro em 26 de outubro de 1950. Carlos Roberto Zeferino era meia-esquerda e marcou apenas um gol no campeonato, mas a imprensa o escolheu como melhor em campo em várias rodadas.

Ari – O paulistano Ari de Azevedo nasceu no dia 14 de outubro de 1957. Ele não teve muitas oportunidades no começo do campeonato, sua posição era a meia-direita, mas com a chegada de Acosta, Ari foi efetivado na ponta-direita. O atacante ainda marcou seis gols ao longo do campeonato, sendo um olímpico.

Natal – José Antônio Boroni nasceu em belo Horizonte no dia 13 de junho de 1955. O seu apelido vem do irmão mais velho, também Natal, que foi jogador antes do atacante do “Palmeirinha”. Natal jogava nas duas pontas e até como centro-avante, mas terminou o campeonato sem fazer gol.

Piau – o piracicabano Valmir Antônio Novaes nasceu em 13 de fevereiro de 1960. Piau jogava como meia e ponta-esquerda. Ele ficou marcado por ter feito um gol do meio de campo contra o Lemense no título de 79. Piau foi, também, o vice-artilheiro do Palmeiras no campeonato, com sete gols.

O Grande Triunfo

O artilheiro

Todos os jogadores listados acima foram importantes para a conquista da primeira divisão em 1979, mas um jogador acabou se destacando mais do que os outros. O cearense de Fortaleza, nascido em 2 de julho de 1959, Francisco Ernandi Lima da Silva veio por empréstimo da Ponte Preta e arrebentou no Palmeiras.

Artilheiro do campeonato, Mirandinha tinha como características a velocidade e o bom chute com as duas pernas. Ele foi primeiro jogador brasileiro a atuar no futebol da Inglaterra, depois de marcar um gol pela Seleção Brasileira em Wembley.

Guará, companheiro de equipe, lembra de uma passagem do Mirandinha. “O jogo era contra o ginásio Pinhalense. O ponta-esquerda cortou um, cortou outro na linha de fundo, chegou na área e rolou pra mim. que fiz o gol. O Mirandinha chiou. 'Oh Márcio, toca para eu fazer'. O Márcio respondeu. 'Mas eu toquei para o Guará e ele fez'. Então o Mirandinha retrucou. 'Mas toca pra mim que eu faço também'. Apesar de muito bom, ele era fominha”, relembra às gargalhadas Guará.

O jornalista Aílton Fonseca também se lembra de um fato sobre o Mirandinha. “Uma vez ele estava fominha e não fazia gol. A bola ia sempre para fora. Tinha um torcedor gritando, xingando ele. Aí ele fez o gol no finzinho e foi um a zero para o Palmeiras. Acabou o jogo, ele pulou o alambrado e foi correndo atrás do cara. O cara fugiu naquelas ruas do São

Lobo da Vila

Benedito e ele atrás”.

Com a sua atuação no campeonato de 79, Mirandinha despertou a atenção dos dirigentes do Botafogo do Rio de Janeiro e para lá se transferiu em 1980. Ele ainda passou por Náutico, Portuguesa, Santos, Cruzeiro, Palmeiras, Newcastle da Inglaterra, Belenenses de Portugal, Corinthians, Coritiba, Fortaleza, além de Shimizu, Fujita e Belmare do Japão.

Em 1996, Mirandinha, após passagem frustrada como dirigente do Palmeiras Futebol Clube, ele começou a sua carreira de técnico no Ferroviário do Ceará. Depois dirigiu, por três anos, o time do Al-Hajer da Arábia Saudita. Então Mirandinha passou por Goiânia, Rio Negro, Al-Raib Dured da Arábia Saudita, Nacional do Amazonas, Keah-Sa da Malásia, Cascavel do Paraná e Joinville de Santa Catarina. Em 2005 ele assumiu o Libermorro do Amazonas, onde está atualmente.

Mas, para que esse título viesse e esses jogadores ficassem marcados na história do clube e da cidade, muita coisa teve que acontecer antes. O futebol chegou a São João com desconfianças e sem nenhum apoio, mas, graças à insistência dos pioneiros, o esporte bretão vingou na cidade.



O Futebol em São João

O primeiro jogo de futebol de que se tem notícia na cidade aconteceu no Largo da Estação e os adversários sanjoanenses eram de Mogi-Mirim. Não existia outro campo apropriado e poucos na cidade tinham ouvido falar deste esporte. Até para alguns jogadores, aquele era seu primeiro contato com o futebol. Os torcedores que se aglomeraram em volta do campo improvisado estavam lá mais por curiosidade do que por amor ao esporte, trazido da Inglaterra por Charles Miller em 1894.

O professor e escritor Antônio Dias Paschoal, que relatou o início do futebol em São João, em três cartas enviadas ao jornalista Walter Lühmann em 1947, narra bem este episódio. “Os curiosos dirigiam-se para a praça como se fossem assistir a uma corrida de touros, muito em moda na época. Outros a impressão de autêntica briga de homens, divididos em dois grupos rivais. Alguns viam a bola de couro pela primeira vez, não faltando aqueles que se riam, a zombar, dos calções curtos dos jogadores e das pernas cabeludas que exibiam em público”.

Mas não era só o público que era diferente dos torcedores atuais. Os jogadores também nada se assemelhavam aos profissionais do futebol de hoje. Paschoal descreve os jogadores como tipos esquisitos. “Eram homens geralmente maduros, membrandos, de grossos bigodes, 'massas-brutas' que se moviam com a lentidão do mastodonte... Havia os obesos e esguios, carecas e barbaçudos... Vi um que claudicava de uma perna, quando

_____ O Futebol em São João _____

procurava correr atrás da bola, para atrapalhar o jogo...”.

O estilo de jogo da época também era bem diferente dos dias de hoje. A força predominava sobre a técnica, porém os jogadores eram leais e, sem reclamar, obedeciam às marcações do juiz, na época, segundo Antônio Dias Paschoal, respeitadíssimos tanto pelos jogadores quanto pela torcida. Porém, devido à truculência dos jogadores, raramente uma partida terminava sem nenhum acidente. No primeiro jogo, em São João, foi um torcedor quem levou a pior. Segundo Paschoal, ao tentar rebater a bola, que estava próxima a lateral do campo, um jogador sanjoanense acertou a canela do infeliz. O episódio foi relatado por Paschoal a seu amigo Walter Lühmann da seguinte forma: “Ao dar um *drop-kick* espetacular, um dos nossos errou o 'golpe' na bola, indo o ponta-pé atingir em cheio e com incrível violência a 'canela' de um rapazinho postado na linha lateral do campo, de onde, como toda a gente, assistia ao desenrolar da luta!”, e continuou, “e assim, meu caro Walter, o primeiro encontro oficial de futebol em nossa terra terminou com a tibia quebrada de um pobre assistente, que entrara no 'jogo' como Pilatos no 'credo'...”.

Com a falta de preparo dos atletas e tanta brutalidade, a primeira partida, em São João, não poderia terminar diferente: zero a zero.

O início

Uma das dificuldades encontradas pelos primeiros praticantes do futebol, em São João da Boa Vista, era a falta de local apropriado para os jogos. O Largo da Estação era perfeito: descampado, plano, próximo à estação da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro, sempre repleta de gente na época, com a presença de vendedores ambulantes, viajantes, que chegavam e partiam nas Marias-Fumaça, crianças correndo para lá e para cá. Porém, depois de algum tempo, eles receberam ordens de desocupar a área.

O problema é que os proprietários das casas próximas dos campos pressionavam para que parassem de jogar, próximo às suas residências, ainda mais quando ocorriam acidentes, danificando as casas, com boladas, que quebravam vidros, sujavam paredes, destruíam plantas, e os jogadores não querendo pagar pelos prejuízos, como relatou Paschoal. “O futebol em São João nasceu e cresceu nas praças públicas. Mudava constantemente de ponto, conforme a 'carga' que lhe faziam os moradores e proprietários de casas danificadas pelos jogadores, sempre arredios ao pagamento de indenizações exigidas por vidraças quebradas ou manchas de barro em paredes pintadas de fresco... A bola pagava o pato, pois era constantemente escondida, furtada ou recolhida por mãos misteriosas, para que se interrompesse o treino e ficasse, assim, esconjurada a ameaça de prejuízos certos”.

_____ O Futebol em Sao Joao _____

Os atletas, então, fincaram as traves na Praça Joaquim José, ao lado da estátua. Também parecia um local perfeito, plano, descampado, mas a alegria durou pouco. É que chegou na cidade o circo “Irmãos Queirolos” e como a praça era destinada aos circenses, os desportistas foram enxotados, novamente.

Os jogadores acabaram se dispersando e o futebol começou a ser praticado em vários pontos da cidade. Um dos locais em que jogavam futebol era no Lavadouro Público, por onde passava o córrego São João, mas esse era o problema. O jogo se interrompia a cada vez que a bola caia nas águas, tendo os jogadores que correr atrás dela a pescá-la, para continuar o jogo.

Embora tantas dificuldades, cada dia aumentava mais o número de “futebolistas” em São João. Já havia praticantes em vários pontos da cidade e o primeiro clube foi fundado. O Internacional, mesmo com o nome ambicioso, não durou muito. Seu campo ficava na Avenida Dona Gertrudes e, quando tiveram que desocupar o local, acabaram com o time.

O futebol se desenvolveu e o público prestigiava cada vez mais o esporte. Antônio Dias Paschoal conta que, antes de cada jogo contra adversários de outra cidade, a torcida fazia uma festa apoteótica, tal qual ou maior que as procissões do padroeiro, com direito a desfile, bandas e fogos, para receber o time visitante. “Formava-se, ao lado do hotel onde se aboletavam os visitantes, grande cortejo, com o estandarte do Clube à frente. Ladeando-o, os membros da diretoria e os delegados

da entidade recepcionada. No centro, os *players* dos dois partidos, ostentando os seus vistosos uniformes. Em seguida, a banda de música que o maestro Aquilino de Mello regia, sacudindo a sua majestosa cabeleira à Carlos Gomes; atrás de tudo o povo que ia assistir ao *match*. Os 'torcedores' e a meninada se concentravam em determinado ponto do cortejo para esgoelar-se em *hurrahs* e 'vivas' incessantes. Era divertido!... Eu, na minha alegria e entusiasmo de adolescente, achava aquilo mais bonito que a procissão do padroeiro da cidade, ou da festa do Divino”.

Como já foi dito, o futebol acabou por cair nas graças da torcida e virou paixão, mesmo com o amorismo e nenhum esforço das autoridades para o desenvolvimento do esporte na cidade. Os torcedores, que sempre acompanhavam os jogos, foram fundamentais para que o esporte vingasse e se tornasse mania em São João da Boa Vista.

Grandes jogadores

Muitos jogadores ficaram marcados em São João, ao longo dos tempos e, no início, não foi diferente. Dentre os precursores do esporte na cidade, alguns se destacavam e faziam com que torcedores se animassem a assistir a partida.

Atílio Módena, Nasário, Oscar Andrade, os irmãos Carlos, Adolfo e Germano Rehder, Antônio dos Santos, Argemiro Dias Paschoal e Viano são alguns dos primeiros craques sanjoanenses. Atílio,

_____ O Futebol em São João _____

goleiro de defesas elásticas, é lembrado com saudosismo por Antônio Dias Paschoal. “Tenho viva a lembrança de uma bonita e copada árvore, de porte avantajado, bem em frente da qual ficava o gol da entrada do campo. Debaixo dela se postavam apreciadores do jogo de Atílio Módena, o *keeper* mais cotado da época, que era muito aplaudido quando empregava os seus munhecaços espetaculares, mais ainda quando tinha que aplicar o *fly ball*, isto é, o chute para levar a bola ao céu... Gritavam então todos em coro: Viva São João!... E o adversário ralava-se de inveja”.

Já os irmãos Rehder são lembrados pela força física. “Os 'alemães' Rehder – Carlos, Adolfo e Germano – troncados e pesadões, sobretudo os dois últimos, cuja especialidade consistia, na defesa, em esperar o inimigo com o peito atirado para frente... E eles levavam sempre a melhor, pois ninguém lhes resistia às estonteantes 'peitadas'... Carlos era o artilheiro principal do quadro e, jogador de grandes recursos, raras vezes deixava de marcar ponto”.

Mas o grande craque da época era Oscar Andrade, o Azulão, que estudava em São Paulo e desfilava seu futebol em São João, nas festas de fim de ano. “O Azulão punha à mostra, no desenvolver da peleja, todas as suas excepcionais qualidades de *forward* insuperável. No drible não tinha quem se lhe avantajasse: a bola, em seus pés, fazia misérias... Ziguezagueando como um busca-pé, infiltrava-se entre os adversários e lá se ia ele à conquista de um, de dois, de três, de quatro, de cinco gols para as cores de sua terra! As vitórias alcançadas com o seu concurso eram, assim, verdadeiramente

espetaculares”.

“El Tigre”

Julho de 1892, final do século XIX, a Fazenda Cachoeira em São João da Boa Vista vê nascer ali um mulato de olhos verdes, como muitos outros no local, visto que a Fazenda Cachoeira era povoada por imigrantes Alemães e Italianos, além de negros. Porém, anos mais tarde, esse pequeno bebê se tornaria um dos maiores jogadores de futebol da história.

Arthur Friederreich ou Fried, como era chamado, só foi registrado em São Paulo, com data de 18 de julho, mas, segundo o historiador Antônio Dias Paschoal, ele não escondia que nascera em São João da Boa Vista, quando visitava a cidade para jogar futebol.

Fried nasceu dois anos depois que Charles Miller trouxe a primeira bola ao Brasil e ensinou esse novo esporte aos brasileiros. Também não havia televisão e os registros eram difíceis, por isso muitas façanhas a respeito de Friedenreich se perderam no tempo, ou ficaram apenas no papel. Uma dessas coisas gerou uma discussão quase infundável. Um ex-companheiro de Fried no futebol, Mário Andrada, dizia que o sanjoanense havia feito 1.239 gols em toda a sua carreira. Um equívoco nos números fez com que passasse para 1.329 e com isso Fried seria o maior artilheiro da história, à frente de Pelé. A FIFA reconheceu esses números e Fried entrou, inclusive no Livro dos Recordes, para a história com esse feito.

_____ O Futebol em São João _____

O pesquisador e jornalista Alexandre da Costa recontou os gols de Fried e desfez o equívoco no seu livro “O tigre do futebol”, sobre Friedenreich. O artilheiro fez 554 gols em 591 jogos, o que é plausível, visto que naquela época não existiam muitas equipes e, portanto, eram poucos os jogos, tendo os jogadores que entrar em campo geralmente uma vez por semana apenas.

Mas esses números não desmerecem o futebol de Friedenreich, pois sua média de gols é de incríveis 0,93 por partida, a mesma de Pelé, que fez 1.281 gols em 1.375 jogos.

Outras histórias marcam a carreira deste lendário jogador. Em uma época em que a força física prevalecia à técnica e as trombadas eram mais comuns do que os dribles, Fried encantava com arte. O drible curto, a finta de corpo e o chute de efeito são apontados como “inventos” de Friedenreich. Ele também teria sido o primeiro jogador a ser “caçado” em campo pelos zagueiros adversários, que não conseguiam pará-lo sem fazer falta.

Fried ainda inspirou o músico Alfredo da Rocha Viana Silva, o Pixinguinha, a compor um de seus maiores sucessos. “1 a 0” foi inspirado na vitória da Seleção Brasileira contra o Uruguai na final do Sul-americano de 1919. O jogo truncado, que terminou com o placar magro que dá o nome da música, teve a duração de quase três horas, pois naquela época não existia a disputa de pênaltis. O Jogo estava muito faltoso e os jogadores já se arrastavam exaustos pelo campo, quando, na segunda prorrogação, Fried marcou, de voleio, o gol do título da Seleção



Campeão Paulista da Primeira Divisão em 1979



Titica e torcedores mirins.



O capitão Gaúcho Lima recebe a taça, sob olhar atento de Antenor Bernardes.



Gaúcho Lima ergue o troféu para a torcida palmeirina.



Torcida invade o campo para comemorar o título de 1979.



Comemoração pelo título se estendeu, mais tarde, pelas principais avenidas da cidade.



Campeão Paulista da Segunda Divisão em 1966.



Inauguração do Estádio Getúlio Vargas Filho em 1955.



Inauguração dos Refletores em 1966.



Campeão Paulista da Terceira Divisão em 1957.



Campeão do Torneio Jerônimo Bastos em 1976.



Reforma da Sede Social na década de 50.



Sede Social nos dias atuais.



Entrada do Estádio Getúlio Vargas Filho, 1955.



Cartaz da inauguração do estádio do Palmeiras em 1955.



Estádio do CIC lotado na inauguração. Tuim, do Palmeiras, fez o primeiro gol nesse campo.



Mirandinha, ídolo do Palmeiras e artilheiro do Paulista de 1979.



O zagueiro Bellini ergue a taça de Copa do Mundo de 1958.



Mauro Ramos levanta a taça
Jules Rimet em 1962



O sanjoanense Friedenreich,
melhor jogador antes de Pelé.

Lobo da Vila

Brasileira. Este feito fez com que o ídolo nacional fosse conhecido também na América e, por causa deste jogo, a imprensa uruguaia passou a chamá-lo de “El tigre”, apelido que se espalhou por toda a América do Sul. Entusiasmados com o que viram, os torcedores brasileiros carregaram Fried, nos braços, do Bairro das Laranjeiras até o centro do Rio de Janeiro e, no dia seguinte, um comerciante expôs suas chuteiras na vitrine de sua loja.

Em meados da década de 20, El Tigre já era festejado no Brasil e em todos os países latino-americanos. Porém, os europeus questionavam a sua existência perguntando-se como poderia um jogador brasileiro ter nome alemão. Em 1925, a Europa viu Friedenreich atuar pelo Paulistano, o primeiro time nacional a cruzar o Atlântico, e se encantou em saber que ele existia, era mulato de cabelo crespo e gênio com a bola nos pés. O jornal Francês L'Equipe o apontou como o rei dos reis, maravilhado com o jeito de Fried jogar futebol.

O futebol do mulato sanjoanense tomou proporções gigantescas. Para se ter uma idéia, algumas lendas foram atribuídas a ele. Uma delas dizia que ele matara o próprio irmão, na verdade Fried era filho único, em um pênalti em que a bola batera no peito do infeliz. Esta lenda depois foi atribuída a Perácio, grande jogador mineiro das décadas de 30 a 50. Na verdade, Fried chutava mais colocado e com efeito do que com força e ele nunca perdeu um pênalti em jogos.

Fried, que era contrário à profissionalização, jogou por 12 clubes de São Paulo, sendo eles o

_____ O Futebol em São João _____

Germânia, Ypiranga, Machenzie, Atlas, Clube Brasil, Paysandu, Paulistano, Internacional, Atlético Santista, São Paulo da Floresta, Santos e Dois de Julho. Ele ainda jogou no Atlético Mineiro e fez jogos de exibição pelo Flamengo no final da sua carreira de 26 anos.

Outro feito deste impressionante jogador é que ele foi artilheiro do Campeonato Paulista por nove vezes, do Brasileiro de Seleções em onze oportunidades e do Sul-americano por duas vezes. Ele ainda foi campeão paulista em sete oportunidades, brasileiro de seleções, pelo estado de São Paulo, três vezes e sul-americano por duas vezes.

Fried teve quase toda a sua carreira ligada ao estado de São Paulo, mas isso acabou por prejudicá-lo. Acontece que a Comissão Técnica formada pela Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, que anos mais tarde viria a se tornar a CBF, para disputar a primeira Copa do Mundo, em 1930 no Uruguai, era toda composta por dirigentes cariocas. Os cartolas paulistas, eternos rivais dos do Rio de Janeiro, proibiram os jogadores de São Paulo de participar da Seleção. O único paulista que jogou foi Araken Patuska, que na época estava sem clube e resolveu ignorar as ordens superiores. Com isso, a Seleção foi para o Uruguai sem grandes nomes do nosso futebol, como o goleiro Athié, o atacante Feitiço e principalmente sem Friedenreich, que nessa época já era uma unanimidade. Como saldo dessa briga bairrista, o Brasil foi desclassificado na primeira fase. Ele doou todos os troféus que conquistou para a

Lobo da Vila

Revolução de 32. O único “prêmio” que guardou foi uma bandeira brasileira, da qual apagou o fogo. O incidente ocorreu em 1921, em Buenos Aires, e o Paulistano de Friedenreich venceu o River Plate por 1 a 0, gol dele. Os argentinos, revoltados, atearam fogo a bandeira brasileira.

Fora dos campos, Fried tentou ser árbitro e técnico, mas não teve êxito. Em 1938, a Companhia Antarctica Paulista o fez inspetor de vendas, até os 71 anos. Arthur Friedenreich, El Tigre, faleceu em São Paulo, em 6 de setembro de 1969. Devido à falta de arquivos da época com os feitos de Fried e à falta de memória do Brasil para com seus ídolos, Fried é quase um desconhecido da população, porém em novembro de 1999 ele foi escolhido como o 35º maior jogador da história, pela revista Placar.

Ele também foi apontado, pela mesma revista, em junho de 2000, como o 6º mais importante jogador da história do São Paulo e 47º da história do Flamengo.

Associação Atlética São João

O futebol em São João crescia e cada vez ganhava mais praticantes. Apesar disso, não dava dinheiro, só gerava despesas de seus praticantes. “Campo aberto não produz renda e os rapazes do futebol, que se cotizavam para cobrir as despesas de transporte e hospedagem dos quadros visitantes, não dispunham de muitos recursos para estas 'larguezas'. Antes de tudo, os dirigentes do esporte

_____ O Futebol em São João _____

faziam o orçamento das despesas: alinhavam número e cifrões, somavam e depois dividiam por tantos contribuintes certos, entre os quais se incluíam os próprios jogadores!”, explicou Antônio Dias Paschoal.

Para garantir renda e tornar o esporte um pouco lucrativo, foi fundado a Associação Atlética São João, clube que deu origem a Sociedade Esportiva Sanjoanense. O seu campo ficava na Rua Santo Antônio, próxima à Praça José Pires, e era murado e com bilheteria. Paschoal relata a inovação. “O campo, na parte que dava para a rua, era fechado a muro, com um grande portão de entrada e bilheteria ao lado. Até a bancada de madeira, com quatro ou cinco degraus, possuía a pitoresca praça, que nos dias de jogo abrigava muitas centenas de assistentes e de torcedores!”.

A A.A. São João deu um grande impulso ao futebol sanjoanense. Pode-se dizer que foi o primeiro clube da cidade a tratar o esporte também como negócio. Até os adversários mudaram. O time de São João passou a enfrentar grandes clubes do interior de São Paulo, inclusive os temidos times de Campinas, cidade desenvolvida, na época, e que contava já com um futebol forte, e até equipes da capital. A maior alegria dos sanjoanenses era quando a A.A. São João vencia os grandes clubes. “O entusiasmo do público dilatava-se quando o quadro sanjoanense, composto exclusivamente por elementos locais, enfrentava os grandes clubes de Campinas e alguns da capital do estado, batendo-os muitas vezes sensacionalmente!”, conta Paschoal.

Lobo da Vila

O resultado desta organização trouxe uma iniciativa inédita na época. Torcedores fanáticos que, apaixonados pelo clube que acabara de nascer, ajudavam financeiramente. É o caso de Nhonhô Sabino, torcedor fanático da A.A. São João. “Nhonhô Sabino tinha sempre a bolsa aberta para ajudar os futebolistas necessitados que merecessem as suas simpatias. Comprava-lhes botinas, joelheiras e meias; arranjava-lhes emprego, emprestava-lhes dinheiro, pagava-lhes dívidas, na qualidade de simples torcedor, sem nunca ambicionar nenhum cargo, que jamais ocupou na direção do clube”.

Mas Paschoal lembra que Nhonhô cobrava esta ajuda nos treinos, que sempre comparecia. Ele gritava, cobrava desempenho, dava broncas nos jogadores. “Nunca deixou Nhonhô Sabino de assistir aos treinos de sua equipe. Era de uma pontualidade admirável. E ai de seus 'protegidos' se não se esforçassem ou se não brilhassem nos ensaios! Dizia-lhes, cara a cara, de sopetão, palavras duras e pesadas, que produziam o efeito mágico do ferrão no couro do boi”.

Durante os jogos então Nhonhô era puro nervos. Geralmente ficava junto ao gol adversário, movendo-se, nervosamente, de um lado para outro. Antônio Dias Paschoal descreve todo o ritual praticado a cada jogo pelo caricato torcedor. “Nos jogos oficiais o nervosismo crescia-lhe de pronto. Ficava geralmente a um ângulo do campo, do lado do gol adversário, para acompanhar de perto o ataque da linha sanjoanense. E movia-se de um lado para outro, ao lado do gradil, muito branco, apertando uma palhinha de milho entre os dedos finos, a picar

_____ O Futebol em São João _____

silenciosamente o fumo de um cigarro que nunca chegava a provar! Quando os nossos, em lance feliz, assinalavam um ponto, Nhonhô Sabino gritava secamente – gol – e atirava aos ares, num gesto rápido e instintivo, todo aquele fumo acumulado na cova da mão o qual lhe vinha a cair, como grossos pingos negros, na face e nos bigodes... E, apanhando no chão o canivete aberto, exclamava todo cheio de contentamento: 'Êta, negro dos infernos!' Era só. Caía de novo em mutismo profundo, olhando com ar de gratidão para o 'negro dos infernos', autor do tento. Os lábios repuxavam-lhe num sorriso nervoso... Dali a pouco, recomeçava a faina de picar o fumo para o novo e hipotético cigarro de palha... E a cena se repetia”.

A A.A. São João também viajava freqüentemente pelo interior do estado para retribuir as visitas dos times que vinham jogar em São João. O time sanjoanense ia sempre de trem e, junto com o time, ia uma leva de torcedores, que lotavam vagões reservados. A torcida, sempre muito animada, entoava cantos e gritos de guerra de São João até o destino. Paschoal relembra um desses gritos. “São João! São João!/ Já tão cheio de vitória!/ O vosso pavilhão oscila/ Debaixo de tanta glória!/ São João! São João!”.

Surge a Sociedade Esportiva Sanjoanense

Dia-a-dia a Associação Atlética São João via crescer seu prestígio junto à cidade, diferentemente dos clubes antigos, que encontravam a resistência e

Lobo da Vila

antipatia da maioria dos sanjoanenses. Os dirigentes, vendo que o clube caíra nas graças da torcida e que o futebol já havia se consolidado na cidade, resolveram mudar de campo. Em 1919 a A.A. São João deixou de jogar no campo da Vila Conrado e passou a jogar às margens do rio Jaguari-Mirim.

A inauguração oficial do estádio se deu em 1921 com o time sanjoanense contra o Palestra Itália da capital, que devido à Segunda Guerra Mundial mudou de nome, tornando-se o Palmeiras. A partir deste jogo a Associação Atlética São João passou a se chamar Sociedade Esportiva Sanjoanense, tal qual existe hoje.



O Maior Rival

Ganhar é sempre bom, quando do principal rival, melhor ainda. Que o digam as torcidas. Um grande time não existe sem rival, que é aquele adversário que deixa um sabor especial na vitória, e um gosto ruim, na derrota. A rivalidade é saudável e faz parte do esporte. Os chamados clássicos engrandecem o futebol, motivam as torcidas e jogadores, e movimentam toda uma cidade.

É isso o que acontece quando o Palmeiras Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Sanjoanense estão frente a frente, medindo forças. Uma vitória eleva o vencedor ao status de super time; já o perdedor fica com cicatrizes profundas, que só desaparecerão com uma vitória, o troco no rival.

Na verdade, Palmeiras e Esportiva nunca se enfrentaram em uma competição profissional oficial, pois nunca estiveram na mesma divisão. Certa época a Esportiva esteve acima do Palmeiras e depois essa situação se inverteu. Isso fez com que esta rivalidade tivesse um gostinho especial, afinal quem será que levaria a melhor? Como seria uma competição com os dois grandes clubes sanjoanenses na disputa? Essas são perguntas que não podem ser respondidas. Cada torcida defende o seu lado, mas, no final, este embate não sai do zero a zero.

A Sociedade Esportiva Sanjoanense, assim como o Palmeiras, já foi um dos grandes representantes do futebol do interior paulista. Nas décadas de 20 a 60 a Esportiva manteve o futebol profissional, com seus altos e baixos, e conseguiu

O Maior Rival

destaque no estado de São Paulo.

Na década de 20 a Esportiva consolidou-se como a maior força do futebol da região da Mogiana. Este feito fez com que o jornalista Genaro Rodrigues, o Nagé, do periódico São Paulo Esportivo, apelidasse o clube como “Tigres da Mogiana”. Este apelido se deu depois de 1922, quando a Esportiva foi bicampeã da Mogiana.

Em 1921, durante as disputas do Campeonato do Interior, o rubro-negro sanjoanense disputou contra Comercial de Ribeirão Preto, Atlético Amparense e Floresta Atlético Clube, sendo os dois últimos de Amparo. Após ganhar todos os jogos, a Esportiva trouxe o troféu da Mogiana para São João da Boa Vista, e conquistou o direito de disputar o título de campeã do interior. Na fase seguinte, em um triangular, veio o Savóia Votorantin de Sorocaba e os sanjoanenses levaram a melhor. Uma semana depois, a Esportiva perdeu para o Corinthians de Jundiá e foi vice-campeã do Interior.

No ano seguinte, novo título da Mogiana e vice-campeonato do Interior. Na fase regional, a Esportiva venceu todos os adversários: Atlético de Amparo, Botafogo de Ribeirão Preto e Associação Atlética Francana. Na fase final, num quadrangular, o clube sanjoanense venceu Esporte Clube Taubaté, empatou com o Esporte Clube Rio Branco de Americana e perdeu para o São Roque, da cidade homônima. O Rio Branco sagrou-se campeão pela combinação de resultados.

Estas conquistas alavancaram São João no cenário do futebol paulista. Afinal, era a primeira vez

Lobo da Vila

que um clube desta cidade do interior do estado, quase em Minas Gerais, aparecia nos noticiários esportivos.

A Sociedade Esportiva Sanjoanense, clube com apenas seis anos de vida, já nascia grandiosa. Os “Tigres” mostravam suas garras e os sanjoanenses vestiam-se de rubro-negro, a mais nova paixão da cidade.

O clube, agora reconhecido, teve uma ascensão meteórica, graças ao planejamento dos diretores, que primeiro investiram na infra-estrutura do clube para depois iniciar as disputas dos campeonatos.

A fundação dos Tigres

Os diretores da A.A. São João e do Centro Recreativo Sanjoanense, outro clube da cidade, resolvem se unir para fundar um novo clube. No dia primeiro de julho de 1916, eles se reuniram na biblioteca do Centro Recreativo. Estavam presentes à reunião Oscar Andrade Nogueira, Quinca Costa, Armando Andrade, Raul Andrade, Francisco de Paula Borges, Orlando de Andrade Rezende, Francisco Paschoal, Avelino Barbosa, José de Azevedo Oliveira, Antonio Cândido de Oliveira Filho, João Jacinto Pereira Júnior e Ismael Cardoso da Silva. Como nome, ficou escolhido Sociedade Esportiva Sanjoanense e o vermelho e preto seriam as cores do novo time.

Uma das primeiras medidas dos dirigentes foi

O Maior Rival

a aquisição de um terreno para a praça de esportes do clube, inclusive o campo de futebol. O engenheiro Oscar de Andrade Nogueira teve papel fundamental nesta etapa. Ele encontrou uma área de quatro alqueires, ao lado da via férrea da antiga Mogyana, bem próxima ao Rio Jaguari. Acontece que o terreno era, em sua maioria, pantanoso e, por isso, foi necessário aterrar o local onde seria construído o campo de futebol. Após esta etapa, um grupo de voluntários, homens e mulheres, ficou responsável pelo plantio da grama.

Área aterrada e agora gramada, só faltava terminar as instalações. Teve início, então, a construção das arquibancadas de cimento cobertas com telhas francesas, vestiários e demais acomodações. Moitas de bambu cercavam o campo que acabara de “nascer”.

A inauguração foi no dia 10 de Julho de 1921, com a Sociedade Esportiva Sanjoanense enfrentando o Palestra Itália, da capital paulista que, anos mais tarde, viria a se tornar Sociedade Esportiva Palmeiras. O campo estava lotado e os torcedores vibravam com cada lance produzido pela esquadra sanjoanense. O clube da capital venceu por dois a um, mas a festa foi grandiosa, afinal nascia um novo clube na cidade.

Em 1924, dois anos após as conquistas dos “Tigres”, surge em São João da Boa Vista o Palmeiras Futebol Clube e, desde então, nasce a rivalidade.

Esportiva e Palmeiras, apesar de rivais, nunca se enfrentaram oficialmente. Foram apenas jogos em campeonatos amadores. Uma vez eles se

enfrentaram enquanto profissionais. A imprensa da cidade promoveu este encontro.

O jogo foi um amistoso no ano de 1984. O Palmeiras, que estava na terceira divisão paulista, venceu a Esportiva, da quarta divisão, por dois a um, no CIC. O estádio, aberto ao público, estava lotado e poucas vezes se viu tamanha festa em jogos da cidade.

Craques mundiais

O maior feito da Sociedade Esportiva Sanjoanense, no entanto, não é conquista de títulos. Os torcedores rubro-negros se orgulham de que fizeram parte de seu elenco dois campeões mundiais de futebol com a Seleção Brasileira. Não só campeões, Bellini foi o capitão da Seleção em 1958 e Mauro Ramos em 1962.

Bellini, capitão da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1958, foi o primeiro jogador a erguer a taça de campeão, pois, quando o recebeu do representante da FIFA, havia muitas pessoas em volta dele. Como ninguém conseguia enxergar a taça, pediram para ele levanta-la e o gesto ficou imortalizado, sendo imitado até hoje. Ele ainda era o galã do futebol na época, fazendo as mulheres suspirarem nos estádios com a sua presença.

Hideraldo Luis Bellini nasceu em Itapira, interior de São Paulo, em 7 de junho de 1930. Veio para a Sociedade Esportiva Sanjoanense em 1950, onde se profissionalizou e, como conta Teixeira

O Maior Rival

Heizer no livro “O jogo bruto das Copas do Mundo”, ganhava cerca de dois salários mínimos. Nessa época, jogava como lateral-direito. No final do ano, acabou se transferindo para o Vasco da Gama, clube que defendeu por onze anos e onde virou zagueiro, posição na qual se consagrou.

Na Copa do Mundo de 1958, quando capitão da Seleção Brasileira, Bellini mais Didi e Nilton Santos interferiram na escalação da equipe, às vésperas da terceira partida, que seria contra a temida União Soviética. Eles pediram à Comissão Técnica as entradas de Vavá no lugar de Dida, Zito na vaga de Dino e dos, ainda não consagrados Garrincha e Pelé, nos lugares de Joel e Mazola, respectivamente. Essas alterações deram cara nova a Seleção que, a partir deste jogo, começou “a sobrar” em campo.

Já na Copa de 1962, foi substituído por Mauro Ramos, que também assumiu a faixa de capitão e ergueu a Jules Rimet. Em 1966, já com trinta e seis anos, foi novamente o capitão da Seleção, que sucumbiu ao futebol e à violência portuguesa e caiu ainda na terceira partida. Bellini declarou que nem dormiu, de tão envergonhado que ficou com a derrota da Seleção.

Bellini era um zagueiro de grande vigor físico e seriedade, que faziam dele um líder nato em campo e compensavam a falta de habilidade e pouca técnica com a bola nos pés. Não brincava em campo e não se inibia em dar chutões sempre que necessário.

Ele, que foi tricampeão carioca pelo Vasco,

Lobo da Vila

ainda passou pelo São Paulo e pelo Atlético Paranaense, onde encerrou sua grande carreira aos 40 anos.

O zagueiro itapirense tinha um amor incondicional ao Brasil. Sisudo em campo, Bellini costumava chorar quando ouvia o Hino Nacional antes das partidas pela Seleção.

Bellini ainda foi eleito pela revista Placar como um dos melhores jogadores da história dos três times que defendeu: foi o quarto do Vasco, atrás apenas de Roberto Dinamite, Ademir e Barbosa; sétimo do Atlético Paranaense e trigésimo quinto do São Paulo.

A outra estrela da Sociedade Esportiva Sanjoanense, Mauro Ramos, tem uma passagem interessante envolvendo Bellini: estréia do Brasil na Copa do Mundo de 1962. Mauro Ramos é o titular e o capitão da Seleção. O Brasil estréia bem e vence o México por 2 a 0 e Mauro é um dos destaques brasileiros. Porém, dias depois, ele descobriu que seria substituído por Bellini, seu amigo e capitão da Copa de 1958. Mauro dirige-se ao técnico Aimoré Moreira e argumenta sobre esta substituição. Diz que está bem e que se saísse deixaria a Seleção e iria embora. Aimoré cede e Mauro, dias depois, ergue a Jules Rimet.

Mauro Ramos de Oliveira nasceu em Poços de Caldas em 30 de agosto de 1930 e morreu no dia 18 de setembro de 2002 na sua cidade natal. Mauro começou a carreira no futebol na Caldense de Poços de Caldas e depois jogou na Sociedade Esportiva Sanjoanense.

O Maior Rival

O estilo elegante de jogar lhe rendeu o apelido de Martha Rocha, Miss Brasil da época. Talvez tenha sido o zagueiro mais técnico da história do nosso futebol. Ao contrário de Bellini, preferia sair jogando a dar chutão. Mauro fez sucesso em dois clubes gigantes paulistas: foi titular por doze anos no São Paulo e depois por mais seis no Santos, de Pelé. Ele conquistou vários títulos por esses times, sendo o bicampeonato Mundial pelo Santos o mais importante.

Mauro Ramos ainda foi reserva na Copa de 1954 e 1958.

Para homenagear seus dois maiores ídolos, na entrada da Sociedade Esportiva Sanjoanense tem uma placa mencionando os dois na história do clube.

A Sociedade Esportiva Sanjoanense reinava sozinha na cidade. Não havia clube que conseguisse fazer sombra ao prestígio dos “Tigres da Mogiana”. Mas isso não durou muito. Em 1924 moradores do Largo das Palmeiras resolvem fundar um clube. No começo a Esportiva não se sentiu ameaçada, mas, anos depois, os dois times já disputam os torcedores na cidade. O nome desse novo time: Palmeiras Futebol Clube.

O Parto do Lobo

No início dos anos 20 a Sociedade Esportiva Sajoanense era o clube que mais se destacava na cidade, contando com os grandes jogadores da época. O time estava um degrau acima dos demais e, por isso, era um espelho para os outros e uma pedra no sapato de quem não conseguia superá-lo.

Jovens jogadores que moravam no Largo do Palmeiras, atual Praça Coronel José Pires Aguiar, e arredores sentiam-se marginalizados pela Esportiva e diziam não ter oportunidades de fazer parte do elenco do clube.

Foi então que no dia 12 de janeiro de 1924 os mais influentes moradores do Largo se reuniram na casa do Capitão Manoel João Batista para a fundação do clube. Nascia neste dia o Palmeiras Futebol Clube, o qual, segundo a ata de fundação, tinha três objetivos principais: a preferência pelo futebol amador, a participação em festas esportivas e proporcionar aos futuros associados divertimentos recreativos na sede social, que ainda não havia sido adquirida.

“Aos doze dias do mês de janeiro de mil novecentos e vinte e quatro, nesta cidade de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo, em a residência do Capitão Manoel João Batista, sita em o Largo das Palmeiras, reuniram-se os senhores Capitão Manoel João Batista, Santos Lansac Toha, José Ferreira Abdal, Gustavo Adolpho Bakstron, Antonio Batista, Romano Turato, Manoel Garcia, João Cecílio, Atílio Rubbo,

O Parto do Lobo

Guilherme Stêfane, Francisco Neves, João Christiano Luhmann, Manoel Santos Cecílio, Napoleão Conrado, Nero Pomeranzi e Antonio Martins, com o fim especial de tratar da fundação de uma sociedade esportiva e recreativa. Para presidir a reunião foi aclamado o Capitão Manoel João Batista, que convidou para secretária-la, a mim, João Christiano Luhmann. Assim reunidos, passaram os presentes a discutir os assuntos relativos a fundação, bem como organização, nome da sociedade e seus fins, conforme projeto apresentado pelo presidente da presente reunião. Depois de discutidos todos estes assuntos, ficou deliberado o seguinte; 1º) elaboração dos estatutos, de acordo com as normas exigidas; 2º) que a sociedade terá a denominação de PALMEIRAS FUTEBOL CLUBE; 3º) cultivar esportes dentro de suas possibilidades, de preferência o futebol amador; 4º) participar de festas esportivas com sociedades congêneres, além de proporcionar a seus associados divertimentos recreativos em sua sede social, logo que esta seja organizada; 5º) convocar outra reunião para o dia vinte e dois do corrente mês, a qual terá caráter de Assembléia Geral e na qual deverão ser aprovados os estatutos sociais, e, subseqüentemente, eleição do conselho Deliberativo, bem como da primeira diretoria e Conselho Fiscal, os quais regerão os destinos da sociedade. Estando assim todos de acordo, encerrou-se a presente reunião, do que, para constar, lavrou-se esta ata, que lida e achada conforme, vai assinada. Eu, (ª) João Christiano Luhmann, Secretário, a escrevi”.

Para as cores, ficou decidido o preto e branco,

Lobo da Vila

as mesmas da Associação Atlética das Palmeiras, da capital paulista, mas que não tem nenhuma ligação com o atual Palmeiras verde e branco. Este já existia na época, mas se chamava Palestra Itália. O clube da capital só viria a se tornar Palmeiras na Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil proibiu entidades de ter referências a Alemanha e Itália, inimigos brasileiros na guerra.

Fundado o clube, faltavam muitas providências para concretiza-lo. Uma das primeiras medidas foi adquirir um terreno na Vila Manoel Cecílio, próximo à linha férrea e ao rio Jaguari Mirim, para o campo de futebol. No início o campo era apenas um gramado, onde o time mandava seus jogos, que eram amadores.

O Palmeiras ganha casa nova

Em 1950 o “Palmeirinha” sagrou-se campeão regional amador e os dirigentes, visando a vãos maiores, resolveram transformar o campo da Vila Manoel Cecílio em um estádio, que foi inaugurado no sábado, dia 5 de março de 1955, com o nome de Getúlio Vargas Filho. A cerimônia de inauguração foi digna de uma grande obra. O prefeito, João Ferreira Varzim, esteve presente na abertura dos portões principais do estádio. Além disso, o vigário da paróquia, Monsenhor Antônio David, abençoou o novo campo e, para finalizar houve o descerramento de placas comemorativas. À noite, foi oferecido um coquetel aos convidados, entre os quais o vice-governador do estado, General Porfírio da Paz, o

O Parto do Lobo

presidente da Federação Paulista de Futebol, Mário Frugiuelle, o diretor do periódico esportivo “A Gazeta Esportiva”, Carlos Joel Nelli, e do jornalista sanjoanense Elisiário Petrus, do jornal paulistano O Esporte.

Ao amanhecer do domingo, dia 6, uma alvorada da Corporação Musical percorreu as principais ruas e avenidas da cidade, convidando os sanjoanenses para os jogos de inauguração do estádio. E os torcedores compareceram em massa para prestigiar a nova atração da cidade. A primeira partida foi disputada no início da tarde, às treze horas. O jogo, que valia o troféu “Doutor Oscar de Andrade Nogueira”, foi um clássico local, entre os veteranos do Palmeiras Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Sanjoanense. A partida seguinte, valendo o troféu “Doutor Francisco Maringolo”, foi entre a Associação Atlética Vargeana, de Vargem Grande do Sul, e Rio Branco de Andradas. O jogo mais aguardado, no entanto, ficou para o fim. O “Palmeirinha” enfrentou o Guarani de Campinas. O time sanjoanense acabou perdendo o jogo inaugural por 5 a 1 para o famoso time campineiro, mas, como a partida era festiva, o placar ficou em segundo plano.

Neste dia, entraram em campo e para a história do clube os jogadores Dúscá, Mané Nogueira e Zezé Virga; Zé Coco, Lindóia e Bico Doce; Zé Carlos, Faé, Efraim Nogueira, Lilo Cassini e Jaú. Além deles, no decorrer da partida entraram o goleiro Zizi, Cascata, Jair Rosa, João Minhoca, João Bacana, Lospico e Baltazar. O técnico foi Elias Assad Simão, o Leãozinho

Lobo da Vila

Saindo das escuras

Apesar de a Vila Manoel Cecílio ter virado um estádio, o Palmeiras não podia mandar jogos noturnos em São João, pois o Getúlio Vargas não possuía iluminação. Seis anos após a inauguração, em 1961, os dirigentes conseguiram arrecadar dinheiro para ilumina-lo. Quatro enormes postes foram trazidos de São Paulo numa carreta adaptada, transportada por Orlando Farnetani. Este fato, embora pareça banal, mobilizou a cidade, foi preciso uma autorização da empresa Matarazzo, que ficava em frente ao estádio, para que o caminhão pudesse manobrar e entrar na Vila. Os torcedores foram ao estádio para ver a chegada dos postes, como se fossem novos reforços para o time, e, quando a iluminação estava pronta, até jogo festivo de inauguração aconteceu.

O jogo foi no dia 7 de janeiro de 1961 e o adversário do amistoso comemorativo foi novamente o Guarani de Campinas. Uma grandiosa festa foi programada para a inauguração. O time do Guarani foi recebido pela torcida na Praça Coronel José Pires, seguindo depois em uma carreta pelas principais ruas da cidade. A Banda Marcial da Escola de Comércio seguiu acompanhando toda a carreta.

Ao final do desfile, uma multidão se aglomerava no estádio “Getúlio Vargas Filho”. Às oito horas da noite, os jogadores, dirigentes e autoridades convidadas entraram no gramado às escuras, com muitos fogos estourando nos céus e incentivo da torcida que, a essa hora, lotava a Vila.

O Parto do Lobo

Minutos mais tarde, o ápice da comemoração. O presidente do Palmeiras, João Lúcio, ligou a chave geral e todos os holofotes se acenderam. A “marcha batida” era executada pela Banda Marcial e os torcedores atônitos olhavam para o campo iluminado. O bispo Don David Picão abençoou as novas aquisições do clube e três torcedoras palmeirinas, Ana Dotta, Dirlene Abdal Torres e Sônia Suely Sibin, foram homenageadas com ramalhetes de flores. O presidente do clube e o prefeito de São João, José Ruy de Lima Azevedo, também foram homenageados antes do início do amistoso.

Iluminados pelos novos refletores os jogadores do “Palmeirinha” deram o pontapé inicial do jogo, às nove horas. Ao final, dois a zero para o bugre campineiro. Entraram em campo pelo Palmeiras os atletas Miltão Pigati, Paschoal Fiori (Antenor), Santo Antonio e Lindóia (Zé Boínha); Nelsinho Curitiba e Dedé (Mauricio Azevedo); Loiro, Cidinho (Faé), Lori, William Turco (Wilsinho) e Acácio (Arquimedes). Pelo lado do Guarani jogaram Dimas, Ferrari, Ditinho (Carlão), e Eraldo (Diogo); Walter e Hilton (Dorival); Paulinho, Marin, Cabrita (Dinho), Benê e Osvaldo.

Campeão paulista

Em 1957 o Palmeiras Futebol Clube se sagrou campeão invicto da terceira divisão de Profissionais do Campeonato Paulista. Participaram da campanha vitoriosa Teté, Zizi, Efraim, Zé Coco, Natalino, Alemão, Mané, Dúsca, Nêgo, Magela, Goél, Nérinho,

Lobo da Vila

Lospico, Lilo Cassini, Hélio Abdal e Maércio.

Nove anos depois o “Palmeirinha” foi novamente campeão. Desta vez o título foi o da quarta série da “Segunda Divisão do Campeonato Paulista”. O “Palmeirinha” contava com um elenco reduzido, com apenas por dezessete atletas, mas conseguiu vencer equipes tradicionais e trazer a festa para São João da Boa Vista.

O time-base era formado por Paulinho Eugênio, Jéco, Eduardo, Súla e Robertinho; Lori e Odilon; Maércio, Colé, Alemão e Ganzepi, com as opções de Armando Pigati para o gol, mais Zé Maria, Vado, Oscar Pintinho, Ailton e Ali. O técnico era Pepino.

Para chegar ao título o Palmeiras precisou passar por Orlandia, Olímpia, São Carlos Clube, Ituveravense, Internacional de Bebedouro, Monte Alto, Monte Azul e Catanduvense. A grande campanha do clube contou com nove vitórias, cinco empates e duas derrotas, em dezesseis jogos. O alvinegro marcou trinta e sete gols e sofreu vinte e um. Além disso, o artilheiro do time, Alemão, ainda foi o goleador máximo do campeonato, com onze gols.

Para a entrega de faixas, a diretoria realizou uma grande festa. Cerca de cinco mil pessoas foram à Vila Manoel Cecílio para o amistoso, no dia 13 de novembro de 1966. A renda estimada pela diretoria atingiu a casa de dois milhões de cruzeiros. O jogo da entrega das faixas de campeão foi contra o Batatais. Com as já tradicionais homenagens, queima de fogos e banda de música, os jogadores foram recepcionados com muita festa no gramado. A partida

O Parto do Lobo

terminou com vitória palmeirina por um a zero, gol marcado por Colé.

Para a partida, o técnico Pepino levou a campo os jogadores Paulinho Eugênio (Armando Pigati), Jéco, Eduardo (Vado), Súla e Robertinho; Lori (Zé Maria) e Odilon; Maércio, Alemão, Colé e Ganzepi. Já o Batatais formou com Carlos, Vastinho, Nelson, Ademar e Quico; Saltão e Canhoto, Antonio Carlos, Ligotte, Cidinho e Carlão.

O Palmeiras só foi conseguir outro título dez anos depois. Trata-se do Torneio Jerônimo Bastos, em 1976. Fizeram parte daquele elenco, que venceu o Internacional de Limeira na final, os jogadores: Carlos, Ildo, Everaldo, Cão, Leonardo, Armando, Valdemar, Roberto, Dias, Diogo, Paulinho 2, Tião Marino, Lospico, Babá, Silva, Ivanildo e Paulinho 1.

Três anos depois veio o maior título da história. A vitória na Primeira Divisão do Campeonato Paulista em 1979, no entanto, foi o último troféu importante na galeria do clube, que atingiu seu patamar máximo nesta época.

Outro fato que ficou na história do clube foi a inauguração do estádio do CIC – Centro de Integração Comunitária – no início da década de 1980. O jogo foi contra o Ginásio Pinhalense, de Espírito Santo do Pinhal. Estádio lotado, como nunca mais se viu, e Tuim, substituto de Mirandinha, que já havia ido para o Botafogo do Rio de Janeiro, marcou o primeiro gol do jogo, que terminou dois a um para o time de São João, e do estádio.

Os últimos passos

Mirandinha está angustiado. Olha para a Vila Manoel Cecílio vazia e seu pensamento volta no tempo. Lá está ele, novamente, em 1979 vendo a multidão de torcedores vibrar com a conquista da Primeira Divisão. Infelizmente o tempo passou e agora, em 1996 ele não é mais aquele atacante rápido e de faro de gol apurado. O tempo passou e para Mirandinha não foi diferente. Nem jogador é mais. O Palmeiras é o mesmo, mas o tempo também foi implacável com o clube. A decadência é visível.

Mergulhado em dívidas, o clube está prestes a fechar as portas e Mirandinha é novamente a esperança da torcida para pôr o time nos eixos. Diferente de 79, agora a missão é mais difícil, afinal não é a falta de gols que preocupa, mas sim a falta de dinheiro.

Mirandinha, que fez uma pequena fortuna jogando no exterior, encerrou a carreira no Japão e resolveu voltar a São João da Boa Vista para dirigir o Palmeiras, para tentar fazer o futebol voltar a ser como era, pois estava desativado há alguns anos. O ex-jogador atacava agora de dirigente. Terceirizou o futebol do clube e assumiu o cargo de diretor de futebol na gestão de Sérgio Donizette Navarro.

A nova empreitada não saiu como desejava. O início foi bom, Mirandinha tinha muitos contatos e facilmente conseguiu parceiros, porém o time não correspondeu em campo e as parcerias foram minguando, até sobrar apenas ele.

Os Últimos Passos

Quase dois anos depois, sozinho, Mirandinha tentava a todo custo virar o jogo. Atacar. Essa era a palavra de ordem de um antigo centro-avante e Mirandinha partiu mesmo para o ataque. A primeira medida foi recorrer a um velho amigo do seu estado natal: o cantor Fagner. O cantor cearense é amante de futebol e jogou amistosamente com Mirandinha em várias oportunidades. Fagner é um cantor com prestígio nacional. Seus shows costumam atrair milhares de fãs em todo o Brasil. Tem um público cativo.

Mirandinha conseguiu convencer seu amigo a vir até São João da Boa Vista para um show, cuja renda seria destinada ao Palmeiras. O cantor fez um contrato camarada para o amigo. Só iria cobrar as despesas dele e de seus acompanhantes e mais os custos do espetáculo. Uma rara oportunidade, afinal tinha tudo para dar certo. Mesmo assim era visível a preocupação dos diretores do Palmeiras no dia do show, pois, mesmo só cobrando os gastos, não era pouco: passagem de avião para Fagner e seus músicos, som, iluminação, equipe de apoio, seguranças; e tudo tinha que ser de boa qualidade, pois o cantor prima por isso.

Tudo foi feito de acordo com o planejado. O show programado para o Getúlio Vargas Filho, pois assim o Palmeiras não teria que pagar aluguel. A chuva do dia preocupou os organizadores. Se chovesse a noite poderia comprometer a bilheteria. Por volta das 16 horas a chuva parou e abriu um sol, limpando o céus. Voltou o calor. Alívio para Mirandinha e os diretores. Tempo suficiente para dar continuidade na preparação do show, como

Lobo da Vila

instalação do som e da iluminação. Um enorme palco foi montado em um dos gols da Vila, o que fica ao lado da linha férrea, no qual Mirandinha já havia estufado várias vezes a rede.

A expectativa era de que 3 mil pessoas estivessem naquela noite ali. Houve quem criticasse a decisão da diretoria de realizar o show no acanhado campo. Fagner era um show para ser realizado em local fechado, ou num grande campo como o CIC. Otimistas, pensavam em algo em torno de 5 mil pessoas.

Às 18 horas a diretoria recebeu o balanço dos ingressos colocados antecipadamente a venda. Foi um susto. Poucos ingressos foram vendidos. Não ultrapassavam cem no total. Alguém lembrou que o sanjoanense não tinha o costume de comprar ingressos antecipados. E havia ainda o perigo da chuva. Certamente iriam formar filas à noite para assistir ao show. Alguém pensou em reforçar a segurança, afinal poderia haver tumulto.

Às 19 horas os refletores foram acesos e as bilheteria abertas. Não havia fila, no entanto. O show estava programado para às 22 horas, era cedo. Às 20 horas Mirandinha passou nas bilheteria para saber como estavam as vendas. Nem era preciso perguntar, bastava ver a frente do estádio para perceber que apenas “meia dúzia” de pessoas estava à procura de ingressos. Dentro do campo não mais que isso.

Alguém tranqüilizou Mirandinha e os diretores lembrando que ainda era cedo: “brasileiro deixa tudo para a última hora mesmo”. Mas chegou a última

Os Últimos Passos

hora. Fagner já estava na cidade desde a tarde. Bebeu chopes no Tekinfim, atendeu alguns fãs, falou com a imprensa e foi para o hotel descansar, aguardando a hora do show.

Às 22 horas alguém avisou o cantor que o show iria atrasar. Estavam na expectativa de um público, que estava muito atrasado. Mirandinha e os diretores do Palmeiras estavam apavorados a esta altura. Precisavam da renda do show para pagar as dívidas, que não eram poucas. Os salários dos jogadores já atrasavam e começavam a aparecer ações trabalhistas.

Às 23 horas, com uma hora de atraso, um carro foi buscar Fagner no hotel. O clima já era de total desespero para a diretoria. Não mais que 300 pessoas estavam no Getúlio Vargas Filho. Não era suficiente nem para pagar as despesas. Além de não dar lucro, o Palmeiras teria mais um prejuízo, aumentando assim seu déficit.

Fagner entrou no palco. Agradeceu a presença do público, falou da sua amizade por Mirandinha e cantou. Cantou como se o Getúlio Vargas Filho estivesse lotado. Cumpriu rigorosamente com o que havia prometido e seu show foi comentado com entusiasmo pelos poucos fãs presentes. No entanto, todos, com dor no coração, lamentavam o fracasso.

O que teria acontecido? No dia seguinte o fracasso foi comentado em todos os cantos da cidade. As opiniões estavam divididas: alguns culpavam a diretoria do Palmeiras, alegando que a divulgação havia sido muito fraca. Outros diziam que

Lobo da Vila

o Getúlio Vargas Filho não era local para este tipo de evento.

Os fãs de Fagner, embora a beleza do show, estavam irritados, afinal, talvez tenha sido um dos shows do cantor com o menor público.

Mirandinha ouviu todas as críticas. Não conseguiu perceber onde havia errado. Talvez tenha faltado sim a divulgação. Arcou com os prejuízos e decidiu que tentaria mais uma vez, afinal ele tinha feito uma jogada mal sucedida, mas o jogo ainda não havia acabado. Desta feita traria um cantor jovem, que estava na mídia fazendo grande sucesso. Certeza de um grande público: Latino.

Procurou corrigir os erros anteriores. Novamente contratou seguranças, iluminação, som, um grande palco, colocou anúncios em rádio e jornais, panfletos nas ruas, enfim, fez tudo o que deveria ser feito na opinião dos que haviam criticado a falta de divulgação do show anterior.

Novamente Mirandinha e diretores estavam animados. Desta feita sim, levantariam dinheiro para pagar os prejuízos do show anterior e a sobra seria destinada a manter o clube.

Mais um fracasso. Poucos fãs foram assistir ao show do Latino, um estouro da música pop da época, a São João da Boa Vista. Não mais do que quinhentos.

Seu Zé, o folclórico zelador do clube, esperou ansioso a saída dos fãs do Latino. Cumprimentou um a um com o balançar da cabeça e trancou rapidamente o portão quando a última turma deixou o

Os Últimos Passos

Getúlio Vargas Filho. Desligou os holofotes, sabia que o clube estava devendo e que depois deste show a situação era pior. Era preciso economizar, até na luz. Coçou a cabeça, talvez se perguntando o que acontecera, talvez prevendo o pior. E foi se deitar na casa em que morava ao lado do estádio. O clube que ele tanto amava e que por tanto tempo zelou já não era mais o mesmo. Talvez nem conseguira dormir aquela noite.

A noite acabara sendo ruim para todos, mas o pior ficou mesmo para o Palmeiras. Dois chutes que passaram longe do gol e o jogo, que ainda não acabara, já estava decidido.

Mirandinha ainda tentou outras medidas. Dispensou técnico e passou a comandar o time, mas nada de resultados. Por fim, para terminar, ainda voltou a jogar. Desesperado encarou o desafio. Três jogos, nenhum gol e o fim de seu ciclo no Palmeiras Futebol Clube.

O “Lobo da Vila” ainda teria mais dois anos como profissional, com resultados nada satisfatórios. As dívidas se acumularam e em vinte de setembro de 1998 o Palmeiras Futebol Clube fez sua última partida como profissional. A derrota por quatro a zero para o Osan em Sorocaba reflete bem os bastidores melancólicos do alvi-negro.

A recuperação social do clube

Sérgio Navarro, jovem veterinário, já não era mais o presidente do Palmeiras, tinha dado lugar a

Lobo da Vila

Rudney Fracaro e as dívidas se acumulavam, principalmente trabalhistas. O Palmeiras ia de mal a pior, até que surge Paulo Merlin.

Quando criança, Paulo Merlin residia no bairro São Benedito, vizinho do campo do Palmeiras. O pai, de classe média, tinha uma transportadora. Esteve diversas vezes no Getúlio Vargas Filho para torcer pelo alvi-negro. Na juventude, como todos da época, freqüentou a sede social do Palmeiras. Nos anos 70 o clube era o mais importante da cidade e atraía milhares de jovens nas famosas “brincadeiras”, que eram encontros sociais que aconteciam todos os sábados. Também eram famosos os bailes de carnaval e outros como o “Havaiano”, “Oito Horas de Barulho” e “Retrospec”. Ainda nesta época o bar do Palmeiras lotava todos os dias. Jovens faziam dali o ponto de encontros da cidade. Não faltava nessa época recursos para manter o futebol, embora custasse caro. Merlin freqüentou todos esses eventos. Também ainda jovem começou a ajudar o pai na pequena empresa e depois foi trabalhar nas indústrias de São João.

Merlin tinha um talento especial para negócios. Amigos que trabalharam com ele dizem que os pensamentos dele sempre estavam à frente dos fatos. Reservado, nunca deu uma entrevista a imprensa de modo que tudo o que conseguimos sobre esta época foi por meio de amigos. O amor pelo clube começou nesta época. Foi diretor em vários mandatos, desde a época em que Antenor José Bernardes era o presidente. Após a passagem de Mirandinha e a troca de presidentes do clube, Merlin via com desespero a impossibilidade do clube em se

Os Últimos Passos

manter.

Já nessa época as atividades sociais estavam longe do período de glamour. Os bailes, que outrora atraíam milhares de pessoas, agora davam prejuízo. O carnaval do clube, que era conhecido em todo o estado de São Paulo e chegou a ser transmitido pela Rede Record, deixou de ser realizado. A boate foi, cada vez mais, ficando às minguas. O clube passou a ser freqüentado por algumas gangues que promoviam arruaças e quebra-quebra no local. O Palmeiras foi perdendo sócios. O bar, que era uma rica fonte de recursos, também entrou em decadência e deixou de funcionar.

As dívidas chegaram a tal ponto que a luz e a água foram cortadas, tendo sido necessária uma grande movimentação dos diretores, que a base de favores evitaram um vexame maior. Além disso, as dependências do clube e do estádio estavam precárias, com fiação exposta em vários lugares. A república dos jogadores, que ficava no estádio e serviu de moradia para diversos craques palmeirinos, estava abandonada. A sede do clube chegou a ir para leilão, a fim de cobrir as dívidas trabalhistas.

O clube vivia sem nenhuma perspectiva quando Paulo Merlin resolveu assumir a direção. Nesta época, ele já não era mais um jovem de classe média. Havia se tornado um bem sucedido empresário. De contador de uma empresa de fios, acabou se tornando seu proprietário, junto com o sócio Flávio do Canto. Os negócios só prosperavam nas mãos dos dois empresários e seus produtos passaram a ser comercializados em todo o Brasil.

Lobo da Vila

Paulo Merlin cobriu as despesas mais imediatas. Evitou a penhora da sede social e iniciou a recuperação. O clube tinha um terreno enorme na estrada que liga São João da Boa Vista a Aguaí. O objetivo era construir ali um clube de campo. O sonho ficou inviável e o terreno foi vendido. Hoje em dia, mesmo não estando a frente do clube, passou a influenciar na escolha dos seus sucessores, colocando sempre homens de sua confiança que trabalham com ele na iniciativa privada.

O clube que inicialmente era comandado por homens do setor agropecuário muda de mãos e agora é gerido por industriais. Essa mudança de poder e a decadência financeira do clube podem ser explicadas pela crise do setor agropecuário. João Lúcio Bernardes e seu sucessor e filho Antenor José Bernardes levaram o clube às glórias e foram os presidentes que mais tempo ficaram a frente do Palmeiras. Enquanto tiveram recursos, João Lúcio e Antenor Bernardes patrocinaram o futebol, mas esta crise culminou com a saída de Antenor e só foi solucionada com a chegada de Paulo Merlin.

Embora todos os clubes sociais passem por crise, com a ajuda da iniciativa privada, mobilizada por Paulo Merlin, o Palmeiras está em visível processo de recuperação. O local voltou a ser ponto de encontro de jovens, com a inauguração de um bar e uma boate de nome Amnésia e, a exemplo da década de 70, a frente do clube fica novamente repleta de jovens. Os dirigentes, capitaneados pelo atual presidente Paulo Fermoselli, hoje comemoram a volta da saúde financeira do Palmeiras Futebol Clube.

Os Últimos Passos

A volta do futebol

O retorno do futebol do Palmeiras é algo constantemente comentado na cidade. Todo início de ano se especula sobre uma possível volta dos “Lobos da Vila” aos gramados. E a torcida sempre pede o Palmeiras no futebol profissional novamente, mas a reativação do esporte no clube não é tão simples assim.

Se dependesse de vontade, a volta já teria acontecido, porém esse é apenas um dos fatores necessários para que isso aconteça. “Acredito que para voltar é preciso conseguir uma parceria forte. É necessário que algum clube grande venha fazer essa parceria e colocar uns juniores para jogar pelo Palmeiras e mesclar com jovens talentos da região. Aí sim seria viável retornar ao futebol”, opina Sérgio Navarro.

“Acredito que no futuro os dirigentes têm que se reunir para a volta. Se você arranjar um parceiro forte, você consegue tocar. Eu acho que tinha que voltar o futebol profissional, pois mexe com a cidade, com o comércio. Motiva todo mundo”, sugere o jornalista Ailton Fonseca.

Homero Brandão, presidente do conselho deliberativo do clube, tem uma opinião semelhante. “Tem que se fazer um trabalho com as indústrias, para não pesar. Cada um dando um pouco. A Prefeitura ajuda, faz transporte, pois também faz uma propaganda da cidade. Para tocar a coisa tem que ser desse jeito e no futebol tem que ter muita cabeça. Não

pode ter um aventureiro dirigindo, porque futebol é apaixonante. Amanhã você precisa contratar um jogador, vai no banco e pega dinheiro. Então a coisa tem que ser muito bem plantada, como nós fazíamos antigamente, que tinha uma divisão inferior muito boa”.

Todos ficam emocionados ao pensar nessa possível volta. Os olhares vão longe, parecem voltar no tempo, na época que o Palmeiras tinha um futebol forte e representativo no estado. A voz fica embargada e as palavras saem misturadas com a emoção. O lado racional dá lugar ao de torcedor e todos se vêem novamente sentados nas arquibancadas da Vila Manoel Cecílio, bandeira em punho e assistindo o Palmeiras jogar.

“Uma cidade do naipe de São João, com a história no futebol que tem. Jogadores que vestiram a camiseta da Seleção Brasileira, como o Mauro, o Bellini e o Mirandinha. É merecido que o futebol volte. Lembro de jogos que tiveram carreatas. O povo saía pelas ruas fazendo festa, com foguetes e bandeiras. Isso não poderia ter acabado”, comenta Aílton Fonseca.

Homero Brandão é enfático: “eu não quero morrer sem ver o futebol voltar”. Sérgio Navarro, ao ser questionado sobre esse assunto, se emociona bastante. Passa a mão pelo peito, os olhos marejam e a voz sai sôfrega, como se tivesse um nó na garganta. “Sempre sonho com a volta do Palmeiras ao futebol profissional. Chegar na Vila, assistir um bom jogo. Quem sabe um dia?”.



Glossário técnico

Amistoso – Jogo festivo ou de preparação que não faz parte de campeonato.

Artilheiro – Jogador que faz o maior número de gols do time ou do campeonato.

Bater de três dedos – chutar a bola com a parte exterior do pé, fazendo com que a mesma tome uma trajetória em curva.

Caçado – Jogador que recebe muitas faltas do adversário. Geralmente é o mais habilidoso da equipe.

Capitão – Jogador que é o líder da equipe. Ele é o responsável pelo time dentro de campo.

Cartola – Dirigente de futebol.

Centro-avante – Jogador de ataque que, geralmente, é o artilheiro da equipe.

Clássico – Jogo de tradição entre equipes que mantém uma grande rivalidade.

Concentração – Reunião dos jogadores e comissão técnica em um lugar, onde passam dias antes do jogo, apenas treinando e descansando, sem interferência externa.

Craque – Jogador dotado de rara habilidade, capaz de desequilibrar um jogo e de lances sensacionais.

Cumprir tabela – Jogar as partidas restantes do campeonato, que não farão diferença na classificação final do mesmo.

Drop-Kick – Chute de primeira, sem dominar a bola.

Glossário Técnico

Esse termo não é mais usado nos dias de hoje.

Escalação – Lista com os jogadores que iniciarão uma partida.

Esquadra – Time, equipe.

Fly Ball – Quebrar, ou seja, quando o goleiro, de posse da bola na mão, a chuta para longe. Estrangeirismo em desuso.

Fominha – Jogador que tenta resolver o jogo sozinho, sem tocar a bola para os companheiros.

Forward – Centro-avante, atacante. Estrangeirismo em desuso.

Futebolista – Jogador de futebol. Termo em desuso.

Gato – Mudar a idade para ficar mais novo ou mais velho e poder jogar na categoria desejada.

Gol olímpico – É o gol feito quando o bater de escanteio acerta direto o gol ao invés de cruzar a bola.

Golear – Ganhar por um saldo grande de gols, geralmente de três para cima.

Goleiro menos vazado – Goleiro que tomou o menor números de gols em um campeonato.

Invicto – Sem perder. No caso de goleiros significa ficar sem sofrer gol.

Keeper – Goleiro. Estrangeirismo que não é usado mais.

Maestro – Jogador que organiza o time, dando ritmo e coordenando as ações ofensivas.

Match – Jogo, partida. Estrangeirismo que não é usado mais.

Lobo da Vila

Peleja – Jogo, partida. Termo não muito usado nos dias de hoje.

Plantel – Grupo de jogadores de determinado time.

Player – Jogador. Estrangeirismo que não é mais usado hoje em dia.

Reforço – Jogador contratado para integrar o time.

Reserva – Suplente, jogador que começa uma partida de fora, esperando uma oportunidade de entrar no decorrer do jogo.

Tento – Gol. Termo atualmente em desuso.

Titular – Jogador que inicia uma partida.

Voleio – Chute de efeito que consiste em bater na bola com o corpo no ar, na horizontal.